

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphum Ecclesiae... in Christo Jesu.»

ID 13. 14.

GUIMARÃES 28 DE AGOSTO DE 1886

CARTA

Snr. Redactor.

DEIXE-ME bradar das columnas do seu jornal contra o abandono a que vejo votado um dos institutos mais excellentes, e por ventura o mais util de quantos tem esta cidade.

Fallo do seminario dos orfãos de S. Caetano, admiravel instituição do caridoso arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Este pio instituto recebe da Roda o exposto, toma da rua o orfãosinho desvalido, e veste-o, e alimenta-o, e educa-o, e tracta-o nas doenças, e considera-o como filho, e habilita-o para a carreira das sciencias, ou das artes, da agricultura, ou do commercio, para o estado ecclesiastico ou para a milicia; para o estado matrimonial, ou para o exercicio das bellas artes: em summa para o estado a que a vocação ou aptidão natural o chamar.

E não o despede, nem o esquece em quanto não fizer d'elle um bom christão, um cidadão util á sociedade; em quanto o não habilitar para ganhar a vida honradamente. Haverá instituto de fins mais nobres e mais caridosos?

Pois foi este o pensamento do seu inclyto fundador. E o seminario teve alumnos que são hoje parochos, professores, medicos, bachareis, veterinarios, pintores, musicos, empregados publicos e agricultores. Até a Universidade de Coimbra, e o parlamento portuguez lá tem um d'estes alumnos, e muito considerado e afamado.

Mas ha vinte e cinco annos que um máo fado persegue este admiravel instituto, viveiro dos talentos que a Providencia repartiu aos

pobresinhos, e que alli, graças á caridade do grande arcebispo, eram cultivados e aperfeiçoados.

E sabem porque? Porque tendo um insigne bemfeitor d'esta cidade legado áquelle seminario a quantia, em titulos portuguezes, de 221.800:000, o governo d'este paiz a pretexto de reforma chamou a si a administração d'aquelle instituto, e confiou-a a uma Commissão por

picio dos mesmos orfãos ao campo de S. Sebastião, e verão ahí soterrados uns onze contos de rs., somma despendida na construcção d'uma parte dos alicerces d'um palacio, que se queria levantar para orfãos, e que deveria custar mais de duzentos contos!

A antiga casa do campo da Vinha, hoje de D. Luiz 1.º, que o venerando prelado D. Fr. Caetano, mandou construir para os orfãos, parte está sendo demolida para alargamento de uma rua, a outra será vendida em praça. Lastimo do coração esta ingratição monstruosa para com a memoria de um tão grande varão.

O hospicio e quinta do campo de S. Sebastião, propriedade do mesmo seminario tambem, dizem, será vendida.

N'este hospicio tão bem situado, habitam cem mendigos, homens e mulheres, e não poderam accomodar ali cincoenta creanças! Abandonou-se esta casa que concluida, e convenientemente acrescentada podia recolher mais de duzentas creanças, e foi-se comprar nos arrabaldes, em sitio baixo e quasi ermo, uma casa que não tem capacidade nem commodos para o pessoal do seminario.

As aulas são nas antigas cavallariças do fidalgo que foi dono do edificio. O professor tem a sua cadeira a um canto da loja. As salas principaes converteram-se em dormitorios, mas tão acanhados para o numero dos leitos que as occupam, que não ha entre estes distancia de palmo e meio. Só tem uma janella e tão mal ventilados que o cheiro é insupportavel.

A mobilia ainda está amontoadas pelas lojas.

E o que é surprehendente é ter-se escolhido esta casa como mais espaçosa, mais hygienica, e mais apropriada que a do hospicio, ou



SANTO AGOSTINHO, DR. DA EGREJA

elle nomeada. Desde então o seminario decahiu tão rapidamente, e os erros, e os dêsperdicios da administração foram taes que o numero de cento e setenta e quatro alumnos que a Commissão encontrou ali, e que nos deu no seu relatório, está hoje reduzido a cincoenta!! Devendo agora educar, pelo menos, duzentos, não educam senão cincoenta! Qual a rasão? Perguntem na cidade, ou vão ao hos-

a do Campo de D. Luiz I Compram, provavelmente, sem ver nem examinar, d'outra sorte não levariam para ali os seminaristas, sem ter onde os accommodar.

Uma circumstancia: o Banco do Minho era um dos credores do fidalgo.

Agora é urgente fazer grandes obras e grandes despezas, e eisahi está a Commissão outra vez, como no principio envolvida em novas difficuldades, e exposta a novos desacertos e a novos desperdícios.

Vinte annos foram necessarios em estudar e preparar a contrucção do novo edificio, que ficou nos alicerces, e quantos serão necessarios para reformar e alargar a casa que agora tem? Quantos para elevar o instituto ao grau de desenvolvimento, e progresso que pôde attingir?

Gravissimo desacerto foi não aproveitar a casa do hospicio, e conclui-la segundo um plano mais vasto e conveniente. Se fizessem isto obravam acertadamente.

Nenhum d'estes resultados funestos e lamentaveis se teriam dado se a administração do seminario estivesse a cargo d'aquelles a quem o proprio fundador a legou e confiou: ao prelado bracarense e a um reitor por elle nomeado com o pessoal dos professores internos pelo mesmo prelado acceitos.

O governo, em vez de um, elegu cinco administradores, mas todos, em razão dos cargos officiaes que exercem, impossibilitados de bem desempenhar as funcções de gerentes d'um instituto, que demanda assidu-os cuidados, aturado trabalho e ardente zelo.

Porque se não satisfaz á vontade do fundador? Porque se não cumpre integralmente o seu plano de educação e administração!

Que perigo haverá em cumprir-se tendo o governo a auctoridade civil a fiscalisar os actos e as contas dos administradores?

Ahi estão fechadas as portas do seminario a mais de cem creanças desvalidas, e desamparadas, que ali podiam educar-se, e a outras tantas familias necessitadas, que tem direito ao beneficio preparado pelo fundador.

Eu que fui educado n'aquelle seminario, e me não pejo de confessar o muito que lhe devo, sei o que elle foi e o que hoje podia ser, quando bem administrado.

Provavelmente, snr. redactor eu clamo no deserto: a auctoridade superior não me ouve, mas eu cum-

pro uma promessa sagrada que fiz aos meus superiores ao sahir d'aquella casa,—de servir o seminario sempre que eu podesse. Devo-lhe a minha gratidão, e desejo mais que tudo que aquelle instituto floresça.

Se este brado chegar ao menos aos ouvidos do digno prelado bracarense, eu sei que elle envidará todos os esforços da sua caridade do seu bondoso coração, e do seu zelo em favor d'um instituto que lhe foi confiado por um antecessor illustre, que é para esta diocese um padrao immorredouro de gloria e um grande thesouro para as familias indigentes.
Braga.

P.º João Antonio Velloso.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Protestantismo nas nossas terras de Africa

POR isso que o *Progresso Catholico* tem grande numero de leitores na Africa portuguez, é dever nosso tornar bem conhecida a seguinte provisão, que contra a propaganda protestante fez circular o muito revd.º P.º Firmino Lopes de Figueiredo, encarregado do governo da diocese de S. Thomé e Príncipe:

«Firmino Lopes de Figueiredo, presbytero, missionario portuguez ultramarino, coadjutor encarregado da freguezia de N. Senhora da Graça da cidade de S. Thomé, e, na ausencia de Sua Exc.ª Rev.ª o Vigario Pro-capitular, encarregado do governo da diocese de S. Thomé e Príncipe e suas dependencias.

Aos que esta minha provisão virem ou d'ella conhecimento tiverem, saude e paz em Jesus Christo Nosso Divino Salvador.

Faço saber que, tendo sido informado de que a esta cidade chegara um propagandista que tem espalhado grande numero de biblias falsas e outros livros religiosos, e tendo eu observado n'algumas que poude haver á mão, que estas, alem de se acharem destituidas de qualquer approvação ecclesiastica, contra o que dispõe o Sagrado Concilio Tridentino na sessão IV, ainda tinham a traducção deturpada e estavam truncadas com a falta de muitos livros, capitulos e parte d'outros que compõem o Sagrado livro por excellencia, segundo as salutarres doutrinas exaradas n'aquelles logares, iam d'encontro aos princi-

pios que a nefasta seita protestante erradamente professa:

Considerando que da leitura dos máos livros resulta a perversão dos costumes, decadencia da moral e quasi sempre advem grandes males á religião e até frequentes vezes o desequilibrio da ordem publica, considerando que a leitura e diffusão da Sagrada Biblia, em lingua vulgar, vertida sem auctorisação ecclesiastica, se acha prohibida pelos Summos Pontifices, especialmente por Leão XII em sua Carta Encyclica de 5 de maio de 1824, dirigida aos bispos do Orbe Catholico, Pio VIII em sua Carta Encyclica de 21 de maio de 1829, Gregorio XVI no addicionamento ao decreto da Sagrada Congregação do Index de 7 de Janeiro de 1836 e na Encyclica de 8 de maio de 1844;

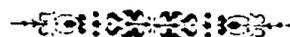
Considerando finalmente que a propaganda das referidas biblias falsas se acha tambem prohibida pelo Concilio Tridentino que é lei do reino e implicitamente pelo artigo 6.º da Carta Constitucional da Monarchia: hei por conveniente exhortar os fieis d'esta diocese a que não só se devem privar da leitura das biblias que não tenham approvação ecclesiastica, ou outro qualquer livro que o referido propagandista tenha distribuido, mas nem ainda as podem conservar em seu poder, do contrario incorrem nas penas comminadas pela egreja e attrahem sobre si a justiça de Deus, a quem todas as acções dos homens são presentes. Ninguem temerariamente se persuada que as penas da Egreja pelo facto de não serem materias, deixam de ser menos nocivas ao homem, porque Deus que é rectissima justiça, nada permittirá que lique impune.

Se desejaes possuir livros religiosos e bons, a santa Egreja tem muitos que, alem de vos recrearem e instruirem, mostram-vos o caminho da perfeição; e para a acquisição d'estes podeis dirigir-vos aos parochos das freguezias, a cuja direcção estaes confiados.

Dada n'esta cidade de S. Thomé sob meu signal e sello da Camara Ecclesiastica, aos 23 de maio de 1886.

P. Firmino Lopes de Figueiredo.

encarregado do governo da diocese



Conhecer segundo o espirito

«Por isso nós desde agora a ninguém conhecemos segundo a carne!»
S. Paulo, 2.ª Epist. aos Corinthios, cap. V, v. 16.

SABEIS o que queria o Apostolo dizer com estas palavras?!... Acazo queria dizer S. Paulo, quando diz que desde agora não conhece Christo segundo a carne, que rejeita a sua humanidade, a sua cruz, elle que não queria saber outra cousa senão Christo crucificado?!...

Não é isso: mas é que até a humanidade de Jesus deve ser reconhecida com os olhos do espirito, que é a fé que a deve contemplar; que, sem isso, a humanidade de Jesus apenas seria um espectáculo commovedor; mas sem fructo.

Quantos ensinamentos necessarios não podiamos porventura tirar d'este pensamento? Quanto não teriamos que dizer aquelles que ainda hoje só pretendem conhecer o Christo segundo a carne!...

O que cumpre, pois, entender pelas palavras do Apostolo: «desde agora a ninguém conhecemos segundo a carne!»

O sentido d'este versiculo é simplissimo.

O homem é um composto de dois seres, um em evidencia e outro que se occulta interiormente; o homem da carne, é o homem d'apparencia: o homem segundo o espirito, é a alma immortal. Aos olhos da carne, é-se rico, pobre, escriptor, magistrado, mercador, operario, lacaio: aos olhos do espirito, é-se filho de Deus!

Pois bem! S. Paulo declara-nos que desde agora (quer dizer, desde a religião revelada) o que elle quer ver, o que elle quer conhecer em todo o homem, é o ser espirital, immortal. Acazo deixareis de ver o que ha n'isto de novo, de grande, de sublime?! E esta palavra do Apostolo não vos commoverá?!...

Ver em todo o homem uma alma immortal, eis o que só o christianismo era capaz de nos ensinar!

Antes de Jesus Christo, o que era um pobre, um escravo, um arrecadador de impostos?... O que eram? Apenas uns instrumentos vivos, uns animaes domesticos com os quaes a lei não tinha nada... Ora, aos olhos de Jesus, a alma da mais infima das peccadoras peza tanto na balança como a alma de Cesar; aos olhos de Jesus, as grandezas da carne não são nada, nem uma palavra tem para ellas, mas que Maria Magdalena derrame o seu aroma sobre seus pés como signal de arrependimento, Jesus declara que esta acção será conhecida até o fim dos seculos.

Aos olhos de Jesus Christo o que

eram as distincções artificiaes d'este mundo?... Por toda a parte só vê peccadores a salvar o Divino Mestre, a todos falla do mesmo modo, a todos concede o mesmo amor, ninguém lhe parece indigno da sua attenção; e é aos mais pequeninos da terra que prodigaliza de ordinario os ensinamentos os mais maravilhosos.

Ora, é na escola de Jesus Christo que S. Paulo apprendeu a não conhecer os homens segundo a apparencia; é n'ella que elle apprendeu a não ver em os Festus e em os Agrippa senão almas perdidas ás quaes tem dito a verdade que salva sem preoccupar-se com o sceptro ou corôa d'elles; é n'ella que elle apprendeu a evangelisar um Aquilas ou uma Lydia com o mesmo amor como se tratasse da alma do pro-consul Sergio ou do governador Publio. E' n'ella, enfim, que o Apostolo apprendeu que já não havia mais nem o grego, nem o barbaro, nem o escravo, nem o liberto, mas que todos eram eguaes perante Deus.

E' assim, pois, como cumpre conhecer os homens, é assim que cumpre amal-os.

* * *

O mundo tem suas distincções de classe, de instrucção e de fortuna. E derrubadas que fossem hoje estas distincções, não deixariam de voltar amanhã, porque ellas resultam das proprias condições de toda a sociedade.

Por consequencia, não seremos nós, que, sob pretexto de christianismo, imporemos ás superioridades de classe ou de fortuna um nivelamento que cada qual todavia se reservaria de rebaixar até si, e não mais abaixo; convençamos d'isso. Mas, é forçoso tambem, que uma certa classe de gente saiba conhecer os homens por o que elles teem de grande e de immortal, que saiba conhecer segundo o espirito, e não segundo a carne...

Para mim, não conheço nada tão mesquinho como a maneira como o mundo encara a humanidade. Os homens, segundo esta idéa, apenas são uns rotolos representando tal titulo, tal classe, tal fortuna. Entre elles troca-se um palavreado de convenção sempre dirigido ao ser externo e superficial. Além da vida social, além das relações de superior ou de protegido, de senhor ou de lacaio, de vendedor ou de comprador, nada se produz: tudo é artificial, o fundo como a forma, a religião como a moral, tudo é vacuo, bizarro, sem verdade...

Descobrir uma alma, debaixo d'esta apparencia social, isso não virá nunca á idéa de tal homem encanecido na sociedade; nunca a sua palavra irá até á

alma d'aquelles que encontra, nunca n'ella fará vibrar uma d'aquellas emoções sinceras que saem a jorros das profundidades do ser.

Eis aqui a vida de centenas de milhares dos nossos semelhantes.

Ah! Como é aprazivel o sair-se d'esta atmospheria facticia e viciada para respirar-se o ar vivificador do Evangelho!... Aqui o que se acha primeiro que tudo no nosso semelhante é o homem; é mais ainda,—é uma alma irmã da nossa.

Oh! como a vida seria grande, se soubessemos ver na humanidade como a via Jesus Christo, se soubessemos conhecer os homens, não pela apparencia, mas pelo interior! Que descobertas não haviamos de fazer de ordinario entre as naturezas que nos parecem as mais ingratas e as mais concentradas!

J. C. de Faria e Castro.



O Padroado portuguez nas Indias Orientaes

(Continuando do n.º anterior)

ANNEXO AO ARTIGO 3.º DO PROJECTO DA CONCORDATA

I

A IGREJA Patriarchal Metropolitana e Primacial de Goa ficará comprehendendo:

1.º) Todo o territorio das possessões portuguezas da India que hoje lhe pertencem, com excepção dos districtos de Damão e de Diu, que ficarão pertencendo á Diocese suffraganea de Damão e titular de Cranganor, nos termos do artigo 3.º da presente Concordata.

2.º) O Canará septentrional com as christandades de uma e de outra jurisdicção que o compõem, e que actualmente as seguintes:

De Sadashigor:

» Sunkerry:

» Karwar:

» Ankola, com as christandades de Bingi, Chindierro, Bollingolly, Yellopor:

De Sirey:

» Honowar, com as christandades de Kiroly, Bateul, Ferquembat:

Do Chandowar e Coomptá:

» Golmuna, com as christandades de Sounxim, Munkim e Baitur: constituindo assim territorio diocesano continuo sujeito á jurisdicção ordinaria de Goa.

3.º) As christandades n'esta circumscripção que actualmente são de

outra jurisdição, ficam sujeitas á jurisdição ordinaria de Goa.

II

A diocese de Damão e titular de Cranganor agora erecta, em virtude do artigo 7.º da Concordata de 21 de fevereiro de 1857, ficará assim composta.

NUMERO UM

1.º Dos districtos do Damão e de Diu actualmente da jurisdição ordinaria da Archidiocese de Goa:

2.º Da parte do districto de Broach ao sul do rio Norhadda e do districto de Surrat:

3.º Do districto de Kenkan septentrional:

4.º Do actual varado das ilhas de Salcete e Trombay:

5.º Do actual varado de Baçaim: constituindo assim territorio diocesano continuo sujeito á jurisdição ordinaria da Diocese.

6.º Ficam exceptuadas as christandades e estabelecimentos seguintes, hoje sujeitos á jurisdição do Vigario Apostolico:

Do districto de Surrat as igrejas e parochias de Surrat e Bulsar.

Nas ilhas de Salcete e Trombay as igrejas e parochias inteiras de Marolis e de Maucy na ilha de Trombay, hoje já pertencentes á jurisdição do Vigario Apostolico, com os estabelecimentos da mesma jurisdição que actualmente lhe pertencem.

No Banderá a igreja actualmente sujeita á jurisdição do Vigario Apostolico com o Stanislaú's Institute e St Joseph's Convent, que já actualmente lhe pertencem, e mais as igrejas de Iuven, Condotina e Culven, que igualmente pertencem á jurisdição do Vigario Apostolico.

7.º Para evitar qualquer confusão fica declarado que nos actuaes varados n.ºs 4 e 5 de Salcete e Baçaim continuam sujeitas á jurisdição ordinaria da Diocese de Damão todas as christandades que actualmente o estão á Archidiocese de Goa, não sendo actualmente sujeitas a esta jurisdição as christandades que já ficam exceptuadas sob n.º 6.

NUMERO SEGUNDO

Ficarão igualmente pertencendo á Diocese de Damão todas as christandades com suas igrejas, capellas e estabelecimentos dependentes, bens e rendimentos na cidade e ilha de Bombaim, actualmente sujeitas á jurisdição do Arcebispo de Goa, que para maior clareza se designam aqui:

1.º De Mazagão com a igreja e estabelecimentos que lhe pertencem e capello de S. Francisco Xavier om Colaba e estabelecimentos que lhe são dependentes:

2.º De S. Francisco Xavier de Dalbul:

3.º De Cavel (Nossa Senhora da Soledade) e capella em Lonpoor:

4.º De Mahim superior (S. Miguel) com capella do Bom Conselho em Sião e escola que lhe pertence:

5.º De Mahim Inferior (Nossa Senhora da Salvação) com as capellas de Matenga e de Parcel, collegio e escolas annexas.

III

A diocese de Cochim suffraganea de Goa ficará assim circumscripta comprehendendo:

NUMERO PRIMEIRO

1.º A cidade de Cochim com todas as suas christandades, igrejas, capellas e quaesquer outros estabelecimentos dependentes.

2.º As seguintes circumscripções com as christandades de uma e de outra jurisdição que lhes pertencem;

Mattanchery e Amarambady (jurisdição do Arcebispo e do Vigario Apostolico)

Pallarutti (jurisdição do Vigario Apostolico)

Idacochi, Arus, Punuguto e Perumpadippu

Manasherry S. Luiz

Manasherry S. Miguel.

Caunnamalé

Candacadavuy

Combalananguy

Chellanam S. Sebastião

Chellanam S. Jorge

Pollitodu

Truvine (jurisdição do Vigario Apostolico e do Arcebispo)

Mancudam e Toreur

Pallipuram

Bendurti e Tevere

Tanghi

Arthungal S. Jorge

Arthungal S. Andreae o Mararicolam e Chetti

Maroricolam (jurisdição do arcebispo de Goa)

Kattur (jurisdição do Arcebispo)

Aleppi (jurisdição do Arcebispo e Vigario Apostolico)

Vattalunihal (jurisdição do Arcebispo)

Pungavu (jurisdição do Vigario Apostolico)

Tumboly (jurisdição do Arcebispo e do Vigario Apostolico).

NUMERO SEGUNDO

No actual Vicariato Apostolico de Quilon as seguintes christandades:

1.º Aravola

2.º Caringolam

3.º Pontorrá

4.º Tuttur

5.º Walliatowo

5.º Velli

comprehendendo todas as igrejas, capellas, estabelecimentos, bens e rendimentos que actualmente lhe pertencem:

IV

A diocese de S. Thomé de Meliapor, suffraganea de Goa, ficará assim circumscripta:

NUMERO PRIMEIRO

1.º A cidade de S. Thomé de Meliapor com todas as suas christandades de uma ou da outra jurisdição e aquellas do Monte de S. Thomé, igrejas, capellas e quaesquer estabelecimentos dependentes, e em

Palavaram

Cavelung e Chinglepett; tendo por limites a leste o golfo de Bengala; a norte os caminhos chamados Edward Elliot's Road e S. George's Cathedral Road; oeste o caminho que conduz de Madras a Congeveran até ao rio Palar; a sul o rio Palar até ao mar, constituindo tudo assim territorio diocesano continuo.

2.º No actual Vicariato Apostolico do Maduré:

As christandades de uma e da outra jurisdição, comprehendendo todas as suas igrejas, capellas e quaesquer outros estabelecimentos dependentes situados nos districtos de

Tangiore

Rigapatam e de

Manargudi

tendo por limites a este o golfo de Bengala, a norte os rios denominados Vettar e Vemar; a oeste e ao sul os limites dos districtos de Tangiore, Manargudi e Nizagapatam:

constituindo tudo assim territorio diocesano continuo.

NUMERO SEGUNDO

1.º Todas as christandades, igrejas, capellas, e quaesquer estabelecimentos dependentes, com todos os seus bens e rendimentos em Calcuttá e Dacca, ou Daka, sujeitos actualmente ao Vicariato geral portuguez de Bengala, e que para maior clareza aqui se mencionam:

De Boitakanak na cidade de Calcuttá

De Chinzurak

De Boudel no districto de Hoogly com as escolas dependentes:

Em Dacca, ou Daka, as christandades de Dacca (Nossa Senhora da Piedade)

De Tesão (Nossa Senhora do Rosario);

De Nagory (S. Nicolau Tolentino)

De Hosnabad (Nossa Senhora do Rosario) com as christandades que lhe estão actualmente annexas e dependentes

De Shibpur (Nossa Senhora da Guia), igualmente com as christandades que lhe estão actualmente annexas e dependentes.

2.º) As christandades com as suas igrejas e capellas, actualmente sujeitas exclusivamente á jurisdicção do Arcebispo de Goa, sitas no actual Vicariato Apostolico do Maduré.

Com relação ás pequenas aldeias que ali haja sujeitas ás duas jurisdicções, os dois Bispos de S. Thomé e do Maduré proporão equitativamente, para ser resolvido pela Santa Sé e o Padroiro, a qual das jurisdicções deverá ficar pertencendo de futuro.

V

Ainda que já fica declarado, todavia para maior clareza, e a fim de evitar quaesquer duvidas de futuro, declara-se que sempre que n'este annexo se trata de christandades, entende-se que comprehende todas as igrejas, capellas e quaesquer outros estabelecimentos, que lhes estejam annexos ou dependentes, com todos os seus bens e rendimentos.

Será dada uma compensação para os bens proprios de Portugal ou dos Vigarios Apostolicos nos logares que forem reciprocamente cedidos. Estes negocios serão regulados por os Bispos e os Vigarios Apostolicos respectivos, os quaes os submeterão á Santa Sé e ao Governo Portuguez.

Roma, em vinte e tres de junho de mil oitocentos oitenta e seis.

João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens.

(«Diario do Governo» n.º 167, paginas 2004 a 2006, de 28 de julho de 1886.)

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XII

Resurreição e ascensão de Jesus Christo

(Continuado do n.º anterior)

DM vista de tão claros testemunhos não deve duvidar-se de que um acontecimento extraordinario abalou todo o univer-

so. Morte que produz semelhante cataclysmo, prova evidentemente a divindade de Jesus Christo, não podendo ser por menos a resurreição e elevação ao ceu de seu corpo.

A resurreição do Redemptor foi absolutamente necessaria por causa da sua natureza divina, e por igual motivo foi precisa a ascensão ao ceu da sua humanidade santissima.

Estes milagres são a base fundamental d'uma religião que veio desterrar do mundo os erros, loucuras e crimes do paganismo.

Os prodigios admiraveis que os prophetas annunciaram foram cumpridos em Jesus com toda a precisão.

O Salvador resuscitou dentro do prazo designado, subindo aos céos por virtude da sua divindade quarenta dias depois d'aquelle successo, tempo que o redemptor quiz permanecer entre os homens para dar a seus discipulos os ultimos conselhos e instrucções sobre a santa empreza que deviam emprender; e levando-os á Betania, fez a sua ascensão á vista de numerosas testemunhas, que deram publicidade a tão grande maravilha.

Seguiram-se infinitas conversões, a igreja de Jerusalem recebeu um incremento extraordinario e aquelles Apostolos, pouco antes tão cobardes, resolveram espalhar-se pelo mundo para ensinar a nova religião; e em defeza dos seus dogmas soffreram os açoites, pauladas e prisões, são exilados para insalubres desterrros, e perecem confessando que Jesus Christo resuscitou ao terceiro dia da sua morte e que subiu aos ceus.

Em defeza d'estes factos o patibulo cobre-se de christãos, são feitas immensas hecatombes de victimas humanas, e ha dezenove seculos que apenas passa um dia sem que algum novo sacrificio augmente o numero dos nossos heroicos martyres.

Teriam soffrido o martyrio tantos milhões de christãos para sustentarem uma mentira?

A ascensão publica de Jesus Christo é referida com a maxima exactidão e historiam-na da mesma maneira differentes auctores de aquelle tempo nos seus livros escriptos em logares distinctos, em diversas epochas e varios idiomas, narrações com que se conformam outros escriptores que souberam o facto por testemunhas presencias.

Escretores que em defeza da verdade sacrificam heroicamente a vida, merecem credito e respeito.

Poderá comparar-se a apothecose de Romulo com a ascensão do Salvador, como pretendem os incredulos? Só uma testemunha asseverou que aquelle principe romano subira ao Olympo, fabula inventada para encobrir o seu assassinio; ao passo que a favor da ascensão de Jesus Christo depõe a mais evidente certeza historica; e não só os Apostolos e outros muitos fieis presenciaram o prodigio e todos os christãos d'aquelle tempo o creram pelas provas que tinham recebido de tão admiravel successo, mas até os mesmos escriptores judeus e pagãos, não podendo negar um facto tão publico, ou o passam em silencio por não o contradizer, ou confessam a verdade, sustentando que um phantasma burlara os christãos de cuja simplicidade se compadecem.

Foi esta a opinião de Celso e do imperador Juliano.

Calcidio diz que Jesus baixou do ceo, para onde teve de voltar, e Porphyrio chama ao Redemptor, *immortal, sancto e resuscitado*, reconhecendo a sua ascensão como *inexplicavel*.

Acerca d'esta passagem da obra de Porphyrio escreveu Santo Agostinho:

Este philosopho necessariamente perdeu a memoria das injurias que escrevera contra Jesus para deixar escapar tão grandes louvores.

Finalmente, o Thalmud recorre á sua ordinaria solução para explicar este successo e os restantes milagres de Jesus por meio da magia.

Creiam os impios no conto forjado pela Synagoga, creiam nos effeitos da magia ou desembarcem-se da grave difficuldade com o phantasma que Celso imaginou, posto que taes soluções não são racionais.

Mas poderão negar successos que escriptores contemporaneos confessam, explicando-os a seu modo? Aquelles auctores reconheceram o facto da resurreição e ascensão de Jesus Christo por meio da magia ou d'um modo phantastico.

Os incredulos conhecem a solução ridicula dos escriptores judeus e pagãos, e negam um successo historico perfeitamente comprovado, de preferencia a concederem ao christianismo a razão da sua crença.

Com maior discernimento e claro juizo crêmos, nós os catholicos, na divindade de Jesus Christo.

Explicam-se d'este modo os seus prodigios e o incremento rapido e

extraordinario da Igreja, formado pelo immenso numero de judeus e pagãos que abandonaram as praticas mosaicas e o culto dos idolos quando a brilhante luz do Evangelho irradiou á sua vista.

A resurreição e ascensão do Redemptor é consequencia necessaria da sua divindade. Não ha instituição humana que resistisse ás perseguições violentas dos Cesares, aos sophismas de tantos heresiarcas e aos desenfreamentos de todas as paixões conjuradas contra ella.

O incredulo, que tanta segurança apparenta nos seus erros, deve reflectir nos seguintes pensamentos de Rousseau: «Um incredulo, pelo contrario, assombrado da sua necessidade, devera dizer a si proprio: que illusões são estas que somente me enganam no mundo? Todas as gerações passadas não teem visto mais que erros e preocupações nos sentimentos de que só eu me alimento. Os mais virtuosos da geração presente acham evidencia e verdade no systema contrario ao meu; e eu mesmo, entregando-me a elle com toda a vontade, encontro n'elle difficuldades insuperaveis que não posso desatar, e que não me impedem de persistir n'elle; de forma que só eu sou sabio na terra, só eu sou illustrado entre os mortaes para crer que as cousas são assim? Posso eu ter uma confiança racional nas apparencias que não são nada solidas aos olhos do resto dos homens, e que a mim mesmo me parecem illusorias, se o meu coração não sustivesse e desenca-minhasse a minha razão?... Teinha-me eu por sabio, e não serei mais que um allucinado martyr d'um erro vão (1).»

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo

SECÇÃO CRITICA

Ainda os missionarios em Barcellos

FORAM, sem duvida, repletas de belleza, apraziveis e encantadoras as primeiras rabiscas do pasquineiro; tão repletas de belleza, tão apraziveis e tão encantadoras como o crepusculo da tarde nas tardes d'inverno, muito anuviadas ou chuvosas.

Pois as rabiscas que se seguem não

são menos brilhantes: resplandecem tanto como o diamante enterrado.

Ora ali vae o rabiscador barcellense continuar a mostrar as suas fulgurosas luzes.

Diz elle:

«Quando a voz dos velhos capitães grita — a patria está em perigo, todos unem os braços e alevantam os espiritos, para defender o solo querido dos nossos antepassados.»

Pum!... Se este tiro do pasquineiro não matou lebre, não sei qual a hade matar! Que boa pontaria fez o maganão!!

Comtudo eu sempre direi ao rabiscador barcellense que, se «a patria está em perigo» todas as vezes que os velhos capitães gritam, poucos são os dias em que ella não está arriscadissima. Felizmente não acontece isso. Oh! Quantas vezes os velhos capitães gritam e gritam muito, e a patria sem perigo! Estavamos bem servidos se fossemos veridicas as palavras do pasquineiro!...

O que me admira sobremaneira é que, depois do rabiscador dizer o que disse, os barcellenses ainda desejem para lá um regimento. Admira-me isso!

Na verdade: quando o regimento fizer exercicio em Barcellos, e os velhos capitães gritarem, mandando apresentar armas, etc., não hão-de faltar lá sinos a rebate, portas fechadas, incommodos, fadigas e prejuizos, e tudo isto por causa da patria estar em eminente perigo!

Mas não: os barcellenses sempre vejam se conseguem o regimento, e não tenham receio de soffrer taes desventuras. O perfido e republico eserevinhador vae pedir (é talvez o seu requerimento seja deferido) ao Governo de S. M. El-Rei que mande para ali capitães novos. Ainda que estes gritem e tornem a gritar, a patria está sempre livre de perigo: não ha mal nenhum. Corre tudo ás mil maravilhas quando só gritam os novos capitães.

O que se faz, porém, quando «a patria está em perigo?» Diz o pasquineiro que — «todos unem os braços e alevantam os espiritos, para defender»...

Entendo eu que o melhor modo de todos unirem os braços é — cruzal-os. Fazendo todos assim, a patria não tem perigo nenhum; está tão segura como o melro na gaiola quando se lhe dixa a porta escancarada.

Mas querem os bons leitores saber a razão porque o pasquineiro tem dito tantas baboseiras? E' porque elle só alevanta o espirito quando «a patria está em perigo.» Fóra d'isto tem-n'o sempre a rastejar talvez por alguma rua immunda de Barcellos. E como a patria não estava arriscada quando elle rabiscou o pasquim, e como, por conseguinte, não tinha então o espirito alevantado, eis o motivo porque o pasqui-

neiro tem dito asneiras de fazer rir as pedras. Isto, porém, dá-se unicamente com o rabiscador. Os individuos de senso todos teem o espirito alevantado, ainda que a patria não esteja em perigo. E' pois, dislate dizer o pasquineiro que — quando «a patria está em perigo» — «todos alevantam os espiritos».

Outra coisa ainda:

O rabiscador, para guerrear os missionarios, berra pelos «liberues de todas as cores»; para defender a patria diz que «TODOS unem os braços»...

Ora é evidente que na palavra — «todos» — acham se incluídos os miguelistas e sebastianistas (1). Isto é mais claro que o sol.

Ahi temos, pois, o homem desmascarado.

Para fazer mal — para guerrear os bons missionarios que derramam a luz do Evangelho, só o republico eserevinhador e companhia; para fazer bem — para defender a patria, os «liberues de todas as cores» precisam do auxilio dos miguelistas!!!...

Mil parabens ao pasquineiro por não ter papas na lingua.

Ainda mais:

A patria foi «solo querido» dos antepassados do rabiscador; do rabiscador, porém, como se vê na pasquinada, não é «solo querido»!... Sim, senhor. Mais parabens por fallar verdade.

Vamos adiante:

Ha na musica um accidente, chamado sostenido, que faz subir meio ponto ao signo que se lhe segue. Pois ás rabiscas do pasquineiro, que acabamos de analysar apressadamente, pôde-se-lhes chamar tambem um sostenido pelo qual a nota seguinte, isto é, as rabiscas que se lhe seguem vão subir alguma coisa.

Ora vejam os leitores se isto é ou não verdade.

Continúa o pasquineiro:

«Pois é mais que a patria (eis o effeito do sostenido) — é a familia (o italico é d'elle) que periclitá, minada, esphacelada pelos trabalhos de sapa dos nefandos roupetas».

Pum!!!... Lá foi agora uma bomba de lenite (2) deitada ao ar pelo pasquineiro! Safa!... Assim como ella não fez mal nenhum, podia fazer-o!... Teem-se visto muitas desgraças por causa do tal lenite... E se a bomba do «nefando» rabiscador rebentasse no meio de uma «familia»?!... Safa!...

Mas vamos lá.

Disse o pasquineiro que — quando «a patria está em perigo» — «todos unem

(1) Na minha freguezia morreu, não ha muito um sebastianista d'antes quebrar que torcer.

(2) Muita gente da minha terra chama aos foguetes com bombas de dynamite — toguetes de lenite.

os braços e alevantam os espiritos» para a defender. Muito bem.

E quando a «*familia periclita*», a familia que «*é mais que a patria*», o que é que «*todos*» hão de fazer? Necessariamente «*todos*» hão-de estender os braços e pernas na cama, e depois alevantar os espiritos até aos anjinhos.

vras loucas é esta:—Diz que a «*familia*» é *minada, esphacelada, pelos trabalhos de sapa dos nefandos roupetas*! Nunca vi nem ouvi palavras onde tanto brilhe a louquice, e estou certo de que os leitores nunca tambem as viram nem ouviram. Mas que querem? E' ver e admirar!!! O TRABALHO DE SAPO do

Monte pio ecclesiastico

É da mais alta importancia a criação de um Monte-pio ecclesiastico, mais necessario que nunca nos tempos que correm, quando o governo, ou qualquer galfarro official, por mera vingança



SANTA IZABEL, DA HUNGRIA

Assim fizeram os «*liberaes de todas as cores*» ao terem conhecimento do portentoso fructo da cabeça do pasquineiro. Dormiram e dormiram bem; não acordaram apesar do rabiscador berrar e berrar muito! Podêra não: «*a palavras loucas, orelhas moucas.*»

E a prova de que o «*nefando*» rabiscador nunca cessa de vomitar pala-

«*nefando*» pasquineiro acha-se assim minado e esphacelado!

Repito: «*a palavras assim tão loucas, orelhas moucas.*»

E, por hoje, mais nada.

Está a criada a chamar por mim para almoçar, e então vamos lá. Adeus.

Um leitor do «*Primeiro de Janeiro*».

ça politica, por qualquer cousa em que o padre se mostre sobranceiro ás pequenas e mesquinhas questões partidarias, se lembre de o pôr á mercê da caridade publica, suspendendo-lhe o pagamento dos juros da papelada em que converteu os bens da Egreja. Por isso havemos de fallar n'isto e de todas as

vezes havemos de louvar o iniciador de tão santa instituição, nosso respeitavel amigo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.

Transcrevemos hoje dois pequenos artigos que encontramos no *Lusitano*, aguardando a occasião em que possamos espriar-nos mais acerca do assumpto.

Eis os artigos para os quaes chama-nos a attenção do Clero:

I

«Continuam os trabalhos preparatorios para que em breve seja uma realidade esta utilissima instituição ecclesiastica.

Os estudos para os estatutos estão quasi concluidos. Podemos assegurar que em breve será convocada uma assembléa geral de todos os irmãos da irmandade dos clérigos para discutir o projecto dos estatutos, que lhes hade ser previamente distribuido, para que cada um em sua casa e com todo o socego o possa estudar, para lhe fazer as alterações, emendas e acrescentamentos que entenda convenientes. Continuamos a entender que é o melhor serviço que na actualidade se pôde prestar ao clero portuguez, e com especialidade ao clero do patriarchado, que com tantas difficuldades está lutando. O monte-pio ecclesiastico hade n'um futuro muito proximo prestar a todos os nossos irmãos no sacerdotio optimos serviços, tanto temporaes como espirituaes. E' preciso que digamos mais uma vez, que o monte-pio não tem só por fim prestar socorros temporaes áquelles ecclesiasticos que luctarem com a miseria, e que se impossibilitarem de trabalhar ou pela idade ou pela doença ou por outro qualquer motivo, mira tambem a um fim mais alto, pretende congregar todos os ecclesiasticos, levantar-lhes o espirito, inspirar-lhes as idéas boas, aceral-os do maximo respeito e consideração. Queremos que o clero saiba respeitar-se para que seja respeitado, e por isso entendemos, que é altamente conveniente, que o monte-pio pela sua direcção possa ir até onde haja um padre em condições menos convenientes para o aconselhar e lhe dirigir e prestar os serviços, que elle haja mister para sahir d'essa posição em que circumstancias diversas o lançardm. Entendemos que não é uma utopia esta nossa idéa. Os factos, se Deus o permittir, hão de mostrar em breve, que a associação do clero para se auxiliar mutuamente em todas

as suas necessidades temporaes e espirituaes, representa uma necessidade inaddiavel, e que hade produzir os mais salutaes effeitos. E' esta uma esperança que nos anima; é esta uma instituição a cuja realisação consagramos todos os nossos cuidados e toda a actividade e energia da nossa alma.»

II

«Uma das difficuldades, que ha a vencer para o estabelecimento definitivo do monte-pio ecclesiastico, é encontrar casa propria e templo conveniente.

Algumas casas conventuaes que vão vagando pelo fallecimento de todas as suas antigas habitadoras tem sido applicadas n'estes ullimos tempos para usos d'alguma conveniencia religiosa.

O convento de Carnide tem uma applicação santissima, e que de certo hade prosperar, visto que mira a um dos mais santos fins.

No entretanto nem sempre assim acontece.

Não faltam exemplos que mostram, quanto os nossos governos, facéis em condemnar os conventos de freiras, que tantos beneficios podiam continuar a prestar á sociedade ecclesiastica e civil, são des-cuidados em os aproveitarem para usos, que sejam igualmente convenientes á Igreja e ao Estado.

Não é nosso intento escrever acerca dos conventos de freiras, da sua conveniencia e necessidade. Talvez em occasião opportuna tenhamos de dizer alguma cousa sobre este assumpto, que felizmente já vae merecendo mais alguma attenção, e mais algum respeito até da parte d'aquelles que d'antes condemnavam sem criterio e sem distincção alguma todos os conventos e todas as profissões religiosas. Hoje porém limitamo-nos a dizer que visto terem os conventos de freiras de morrerem, como morreram já os conventos de frades; porque não permitem as associações religiosas aquelles mesmo que permitem associações de todas as especies, ainda d'aquellas que tem fins mais tenebrosos em vista, ao menos dê-s-lhes um destino, que não destoe completamente d'aquelle a que miravam os seus fundadores.

Foi obedecendo a este pensamento, que um dos administradores da irmandade dos clérigos pobres procurou ha dias o director geral do ministerio dos ecclesiasticos, e expondo-lhe o fim do monte-pio ecclesiastico, lhe lembrou,

que para poderem os padres realizar o seu pensamento careciam que o governo lhes dísse um convento ou parte d'elle, que estivesse prestes a vagar.

Devemos confessar que a idéa foi completamente acceita e muito appoiada pelo digno funcionario, que se promptificou a ajudar-nos na aquisição d'um edificio competente.

Parece-nos pois poder asseverar, que a grande necessidade com que luctavamos será em breve satisfeita, e que poderemos logo que os estatutos sejam definitivamente approvados pela auctoridade ecclesiastica e civil, começar a experimentar o salutar influxo da instituição pela qual tanto havemos trabalhado e continuaremos a trabalhar.

Quer-nos parecer que hão de merecer as benções de todos os ecclesiasticos do presente e do futuro aquelles que concorrerem para se levar a effeito o estabelecimento definitivo do monte-pio ecclesiastico ou segundo as bases, que havemos proposto, ou segundo outro plano, que por acaso venha a ser apresentado, durante a discussão dos estatutos, cujo projecto deve em breve ser publicado n'este semanario para que todos o possam apreciar e julgar, segundo entenderem.

E' da discussão, em que todos possam livremente entrar, que hão-de surgir idéas aproveitaveis, de modo que tornem a instituição mais conveniente, e que mais facilmente possa resistir a todas as vicissitudes.»

SECÇÃO LITTERARIA

Deus !

Tu que firmas teu solio refulgente,
em nuvens de perfume,
n'essa estancia serena, aonde habitas,
em tua essencia, oh Nume ;

lá onde os anjos, dōces cantos vibram,
nas harpas de rubim,
e onde, ao tentar, em vōos, ergue-se est'alma,
cae de impotente assim ;

eu saúdo, Jehovah, ao teu poder,
a nobre magestade,
sereno e forte, commandando augusto,
a vasta immensidade! . . .

Ah Senhor ! aos prodigios do teu verbo
divino e poderoso,
onde ha joelho, que rapido não dobre,
quem profie orgulhoso? . . .

Ovante desenrola o firmamento,
essa rêde de mundos,
monarchas d'outros mundos, que mal vemos,
nos espaços profundos!

Do tempo ao sopro, o dia todo em luz,
terra e mar inundou;
de em torno ao sol, o globo no seu giro,
a ecliptica traçou.

Lampada accesa, que entre as frias sombras
do moimento fluctua,
pallida e meiga, á noite, suspendeste,
no firmamento a lua.

Tu cavaste os abysmos, onde cresce
o rubido coral;
e infundiste nos largos oceanos,
outro mundo animal.

A' montanha curvaste o dôrso ingente;
deste a bonina aos prados;
e ao regato, entre as sombras do balsêdo,
murmurios afinados.

Deste ás moitas a flôr das primaveras;
á rosa a viva côr;
e, entre flôres de prata, ao verde outeiro,
a fonte em seu pendôr.

Fita o sol, a rainha dos espaços;
geme a rôla em segredo;
canta os hymnos da noite o rouxinol,
no cerrado arvorêdo.

A' relva deste o lirio, em fundos valles;
a luz á borboleta;
ao reptil, o sol brando dos invernos;
perfumes á violeta.

Nos juncaes, a existencia passa o tigre,
fero, isento e morgado;
nas soidões tropicaes, o elephante
passeia agigantado.

E ao homem de thesoiros cumulaste,
de luz, amor e unção:
«Filho—e disseste-lhe—ser-te hei d'amor,
pharol e promissão!»

Ah Senhor, teu designio meditando,
providente e bondoso,
cae de joelhos o crente apostrophando,
o sceptico orgulhoso!

Grão de areia sem peso, na balança
do immortal saber,
D'este quadro os primores admirando,
d'amor e de poder;

Se eu busco soletrar pelo infinito
teu verbo realiado,
os caracteres d'esse vasto livro,
deixam-me deslumbrado!...

Mattoz Ferreira, Prior em Cintra.

Pae, mãe e filho (1)

NUMA casa bem modesta d'uma das ruas menos frequentadas do Bordeus, vivia, ha poucos annos, uma joven esposa, cuja vida triste e abandonada era com razão lastimada por todos. O seu marido arrastado por más companhias, poucas vezes apparecia em casa, e essas poucas vezes não deixava de maldizer o infortunio e as privações que ahi o esperavam.

Boa e piedosa, a pobre mulher chorava e fazia supplicas ao céu, mas não murmurava. Soffria tudo em silencio; não obstante esta resignação não achava a paz interior. As suas angustias seriam grandissimas, se Deus em sua infinita bondade não lhe houvera dado para consolo seu um formoso anginho, cuja ternura infantil a compensava em certo modo de abandono de seu marido.

A' noite, durante essas longas vigílias em que ella passava só e triste ao canto da lareira, cujas brazas pouco calor davam, a pobre mãe, antes de collocar o seu filho no berço, lhe ensinava algumas oraçõesinhas e lhe dava a boijar a sua medalha. Em seguida embalava-o repetindo os doces nomes de Jesus e de Maria, e depois de adormecer o osculava.

Um dia, o marido não encontrando por certo os companheiros das suas orgias decide-se a voltar para casa. No momento em que ia metter a chave na porta, detem-se; a voz de sua mulher lhe chamou a attenção. Com quem poderá ella estar fallando a estas horas? pergunta elle, suspeitando já de sua esposa. A curiosidade leva-o a abrir a porta de mansinho. Que espectáculo então se apresenta a seus olhos! A mãe de joelhos tem o filhinho nos braços, e está acabando com elle a oração da noite.—Meu filho, accrescenta ella, rezemos agora por teu pae, a quem tanto amo e a quem tu sempre has-de amar, sim?—Então o innocente cruza as mãosinhas sobre o peito, e recita em voz alta uma oração especial por seu pae, a qual já tinha apprendido e que todos os dias repetia.

O marido enternecido por esta scena não pôde resistir ao sentimento que o leva a confessar e reparar as suas faltas. Eis que vem ajoelhar-se perto de sua mulher. Resam junctos, e Deus em troca d'esta supplica dá-lhe um coração contricto e purificado.

Depois este operario, bom christão

(1) Lemos em uma obra estrangeira este facto; não podendo resistir ao desejo de o publicar, vamos fazê-lo, certo de que as mães de familia o lerão com toda a satisfação.

O traductor.

e feliz pae de familia, não cessa de bendizer a salutar influencia de sua esposa em seu espirito e em seu procedimento.—

Oh! como é bella a educação religiosa! Como ella converte em mansos cordeiros leões ferozes! Mães de familia, não esqueçaes vossa alta e nobre missão! Educas vossos filhos seguindo os preceitos da religião santa de Jesus, e ou cedo ou tarde colhereis o fructo do vosso abençoado trabalho.

10 de agosto de 1886.

Arnaldo Alves Torres.

GRACIA

OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO XVI

O militar christã

(Continuado de pag. 238)

AINDA na vida, acrescentou Constantino, parecia que meu pae estava já no céu. Muitissimas vezes lhe ouvi predizer o futuro; ainda que então nenhum caso faria d'isto, quando presenciarei os milagres que depois de morto, acreditei em sua virtude sobrenatural.

—Pois elle fez milagres? exclamou Justo.

—Fez, eu mesmo sou testemunha d'alguns; e o Padre Laguina deu-se ao cuidado de colligil-os e pedir attestados d'elles para remettel-os a seus superiores com o fim de que se comecem em Roma os trabalhos para a canonisação.

—Immensa gloria debes sentir Constantino, em ter tão santo pae; essa gloria, porém, força te mais que a ninguem a seres virtuoso e a perseverar na fé.

—Oh! sim, sim, eu perseverarei na fé e vos farei esquecer de todos os meus passados erros e escandalos.

N'este momento abriu-se a porta do quarto de Faxiba e sorridente e benevolo assomou a ella Jakuin com um rolo de papeis na mão.

—Illustre e egregio vencedor, disse dirigindo-se a Justo, o gran Cabancondono deseja fallar-vos; e fazendo-lhe uma profunda reverencia se encaminhou para onde estava Constantino.

Este ao vel-o foi-lhe ao encontro, e com grande interesse lhe perguntou:

—Então que arranjustes?

—O Senhor não estava hoje em hora propicia d'escutar petições; assegu-

ro vos, porém, que em outro qualquer dia vos concederá a terra de vossos inimigos para que dilateis vosso Estado.

—É que hei de eu fazer? exclamou o principe.

--Seguir meus conselhos, na corteza de que ninguém deseja tanto como eu vosso engrandecimento.

Jakuin chamou depois Jecundono e retirando-se um pouco disse-lhe em voz baixa:

—Triumphamos Os christãos estrangeiros vão ser expulsos do imperio em virtude dos decretos, que aqui levo na mão.

—Já era tempo, murmurou o esposo de Gracia. Se alongam o prazo teriam acabado por alliciar a maioria da nação á sua abominavel seita.

Nunca até então havia Jecundono qualificado tão duramente ao Christianismo; mas logo que soube o que o Regente havia feito, explodiu o odio represado que occultava contra a Religião.

Jakuin saudou aos demais presentes, e tão risonho como havia entrado, sahio da ante-câmara para entregar os decretos aos officiaes que deviam publical-os.

Os demais cortezãos continuaram conversando sobre diversos assumptos; os idolatras, porém, formaram um circulo ao redor de Jecundo, e principiarão a commentar a noticia que elles transmittiu.

Não havia passado ainda um quarto d' hora, quando sahio Justo da câmara regia, pallido o fortemente agitado.

Todos notaram esta agitação do capitão; mas ninguém se atreveu a perguntar-lhe a causa. Pouco tardou que o não soubessem, porque Justo, acercando-se ao segundo chefe da guarda que era idolatra, lhe foi entregando uma por uma as insignias de seu cargo, e no terminar lhe disse:

—Agora fazei por mim recommendações nos soldados e fazei todos por ser tão fieis, como vosso capitão o tem sido.

—Ausentais-vos? exclamou o segundo. Tendes recebido alguma recompensa que não vos seja permitido mandar-nos?

—Sim, recebi a maior recompensa que podia esperar: padecer perseguição pela justiça.

Os idolatras que estavam presentes não perceberam esta phrase; em compensação, porém os christãos rodearam-no afanosos e perguntaram-lhe o que havia acontecido.

(Continúa).

Versão do padre Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Santo Agostinho

EIS-NOS diante do vulto mais gigantescamente extraordinario, que tem conhecido os seculos.

É tão extraordinariamente grande foi elle, que nós, mal podemos, na nossa pequenez, fallar de suas virtudes, de suas obras, dos serviços por elle prestados á Igreja e ás lettras.

Tentaremos apenas dar em rapidos traços uma noticia do heroe da fé, e nada mais.

Santo Agostinho nasceu na cidade de Numidia, em 13 de novembro de 351. Filho de uma familia patricia e rica, recebeu uma educação altamente distincta, mas bebida nas fontes putridas do paganismo, o que muito maguava sua boa mãe, Santa Monica, que professára sempre o Christianismo.

Moço e rico, Agostinho durante o tempo que frequentou as academias, creou gosto a todos os vicios, não sendo o jogo o que menos conseguira de mau no seu espirito, e a leitura dos poetas latinos, não concorreu pouco tambem para o preverter.

Pedindo a cidade de Milão para Roma, um mestre de eloquencia, foi lembrado Agostinho, que já tinha occupado identico logar em Cartago.

Este acontecimento que parece de pouca importancia foi o mais importante na vida do sabio doutor.

Era Bispo de Milão Santo Ambrozio, que acolheu o novo professor com uma amabilidade n'elle conhecida, o que levou Agostinho a tratar amiudadas vezes com elle, e a ir escutar os seus sermões.

E a luz da fé principiava de espantar as trevas da idolatria em que vivia aquelle espirito privilegiado, e Agostinho principiava de achar-se mal com os seus amigos, e procurava a solidão.

Um dia, em que elle, n'um bosque florido do seu jardim, procurava furtar-se á tristeza que o opprimia, ouviu uma voz dizer-lhe: *Toma e lê*. Levantando-se e procurando quem lhe fallava, achou diante de si um livro — eram as Epistolas de S. Paulo.

Agostinho abre esse livro ao acaso e lê o seguinte: *Não passeis a vossa vida nos festins e nos prazeres da mesa; mas restei-vos do Nosso Senhor Jesus Christo, e não satisfaes os desejos desregrados da carne*.

Não foi necessario ler mais: a conversão estava feita!

Vae para a Africa com sua mãe, e

é ordenado de presbytero, feito depois Bispo, e eil-o, o grande lumiar da Fé e da sciencia a encher o mundo com seus fulgidos claudes.

Aqui está como se fez o grande Santo Agostinho, que ainda hoje é o mestre nas academias, o consultor nas grandes bibliothecas, o tira-teimas de todos os sabios, porque os seus numerosos in-folio fazem vergar ainda hoje sobre si as mais robustas intelligencias.

Morreu a 28 de agosto de 430, contando 70 annos de idade.

II

Santa Izabel, de Hungria

Não são muitas as heroínas que offerecem uma vida tão cheia de dores e prazeres moraes, como a da santa princeza de que nos occupamos. Filha do rei da Hungria, casaram-na aos quatorze annos com o principe soberano de Turingia, com quem viveu praticando todas as virtudes christãs.

Quando, porém, suas virtudes mais resplandeceram, foi depois da morte de seu esposo, na occasião em que seu cunhado tomava posse do throno, expulsando-a dos regios paços, que ella havia honrado com suas virtudes.

Despedida do palacio, sem recursos para viver, tomou nos braços o filho mais velho, e, seguida pelas suas damas, que embalavam nos braços os dois filhos mais novos, eil-a, a gentil princeza quasi entregue á caridade publica.

A nossa gravura representa a Santa na occasião em que sahia dos paços, envolta ainda nos arminhos do poder.

O que foi o seu viver então, dil-o a historia e não nós, que mal podemos no curto espaço de que dispomos, narrar tão altos feitos, ainda que aguardemos occasião mais opportuna para o fazer.

Assim abandonada, e na idade ainda em que a mulher mais brilha por sua belleza, ella, a rainha desthronada não maldiz a sua sorte, antes pelo contrario se ajoelha aos pés da cruz e pede ao Senhor resignação para tantos males.

E o Senhor deu-lhe a resignação pedida, apontando-lhe a Ordem Franciscana, onde ella entrou vestindo o habito da penitencia e passando todos os dias que lhe restavam de vida, exercendo a caridade, a penitencia mais austera, e procurando na oração todas as consolações.

Em 1231, contando apenas 24 annos, chamou Deus para o ceu, esta alma candida e angelica, que serve hoje ainda de modello a tantas jovens franciscanas, que, como ella, passam a vida servindo ao Senhor e apontando com

o exemplo de suas virtudes, o caminho que leva a eterna bemaventurança.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



ANNUNCIAM-NOS de Barcellos o passamento do Rev.º P.º Antonio da Silva Leonor, antigo assignante e amigo do *Progresso Catholico*, e de Braga o fallecimento da exc.ª snr.ª D. Rosa Maria Lopes de Faria, leitora tambem da nossa Revista.

São mais dois nomes riscados do n.º dos nossos amigos, e mais duas almas que repartiriam o bem pelas respectivas terras. O Senhor tenha estas duas almas em paz, e não lhe faltem nossos leitores com as costumadas orações.

Está de luto o nosso amigo o Rev.º snr. P.º Agostinho Salvador Ferreira, pela morte de seu pae, ancião de 82 annos, que foi chamado á vida eterna no dia 13 de julho. Bom filho assistiu-lhe até á hora ultima, ficando em acre saudade, que desejamos linitivar tomando n'ella parte. Por alma do fallecido oraõ tambem leitores. A's familias doridas nossos pezames.

RETROSPECTO DA QUINZENA

RECEBEMOS a visita dos Rev.ºs Snrs. P.º Manoel Affonso Machado da Costa e P.º João Antonio d'Andrade, o primeiro que se achava a uso de banhos nas Taipas, e o segundo de passagem n'esta cidade.

A ambos estes sacerdotes respeitaveis, a quem devemos bons serviços, agradeçemos a visita.

A festividade em honra do Santissimo Coração de Jesus, a que assistimos no dia 8 do corrente, no Mosteiro do Souto, foi a manifestação imponentissima de uma grande parte dos povos do concelho de Guimarães, a affirmação solemniissima e publica do espirito altamente catholico que domina as multidões nas freguezias que marginam o Ave.

Descrevamos essa festa a traços rapidos:

Ao romper da manhã, em Santo Estevão de Briteiros celebrára missa em pleno ar o Rev.º Prior do Mosteiro do Souto Luiz Dias da Silva, a que assistiram milhares de pessoas, finda a qual se organisou a procissão, cujas alas eram formadas pelas varias irmandades das freguzias visinhas, no centro das quaes se elevavam um cem numero de cruces e bandeiras e no fim a Veneranda imagem do SS. Coração de Jesus, em formoso andor, fechando o prestito uma banda de musica.

A procissão fez um traçeto, talvez, de 6 kilometros, serpeando umas vezes por tortuosos caminhos da serra, outras vezes atravessando campinas verdejantes entoldadas pela fronda virente dos castanhaes e vinhedos carregados de fructos; umas vezes, aquella massa enorme do povo escondia-se entre bosques amenissimos, para logo se apresentar aos raios ardentes do sol.

Ao atravessar o Ave era soberbo o quadro. Ali parecia que os montes e os arvoredos se afastaram por um pouco para deixar passar por sobre a corrente de christal a imagem do Jesus, caminhando triumphante, arrastado por milhares de pessoas em cujos rostos se advinhava a alegria, o prazer que dá a fé.

Em todo o percurso da procissão elevavam-se dezenas de arcos, caprichosamente enfeitados, mas de uma altura descommunal, e de um trabalho perfeitamente espantoso. E tanto capricharam os devotos do Coração de Jesus na feitura dos arcos, que, ao entrar o adro da igreja havia um formado de algodão em rama! E por toda a parte flores, postes com bandeiras, versos ao SS. Coração, etc. etc. etc.

Chegada a Santa Imagem a Souto celebrou missa o nosso amigo Rev.º Padre Antonio Joaquim da Silva, do Prado, havendo por essa occasião communhão geral, e digamol-o francamente, pasmamos de ver tanta gente n'uma freguezia rural, aproximar-se á Meza Eucharistica! Sem exagero commungaram mais de 600 pessoas! Seguiu-se depois missa cantada, pelo Rev.º Abbade de Santo Adrião de Vizella, nosso amigo que de tão longe fora assistir á festa, e ao Evangelho prégou o Rev.º padre Antonio Joaquim da Silva. Este sermão foi dedicado ao Salvador, porque tambem se fazia a festa ao Padroeiro da freguezia. Pela primeira vez tivemos o prazer de ouvir no pulpito este nosso amigo, que, n'um estylo aprimorado fallou do Salvador do Mundo, como o sabe fazer o orador experimentado, e costumado a dirigir-se a illustados auditorios, que

não a povos aldeãs por entre os quaes se haviam perder tantas e tão formosas flores oratorias espargidas do alto da tribuna sagrada.

De tarde cantara-se solemniissimo *Te-Deum*, e prégara o Rev.º P.º José d'Oliveira. Fallou do SS. Coração de Jesus, provando a antiguidade d'esta devoção, as graças auferidas d'ella, e o muito que a sociedade tem d'ella a esperar.

Tambem não tinhamos ouvido pregar este respeitavel sacerdote e distincto missionario, amigo nosso e do «Progresso Catholico», desde o seu principio, e ficamos admirado de tanta eloquencia, de uma exposição tão correcta, de um fervor tão ardente pelo Coração de Jesus. Durante a communhão havia tambem S. Rev.ª fallado ao povo, por espaço de mais de uma hora, ainda que alternado pelos cantos de um grupo de meninas, que tambem acompanharam a procissão. Terminou esta festividade, que os povos do Salvador e freguezias visinhas recordarão com saudades, com a procissão do SS. Sacramento em volta do adro, e Benção do SS. Eram 7 horas da tarde.

A musica no coro era dirigida por uns padres de Lanhoso, e tão bem dirigida que podia apresentar-se sem receio nos coros de uma cidade.

Ao jantar, offerta do Prior aos padres que assistiram á festa, estavam padres dos concelhos de Guimarães, Louzada, Lanhoso, Villa Verde, e ficamos admirado de ver que quasi todos eram assignantes e amigos do «Progresso Catholico»! Mas não nos devemos admirar porque se os amigos do «Progresso Catholico» não fossem os amigos do SS. Coração de Jesus, quem o seria?

E' formosa a Imagem, e talvez a melhor que conhecemos. Foi benzida pelo Em.º Snr. Cardeal, Bispo do Porto e por S. Em.ª indulgenciada.

Ao nosso bom amigo o Rev.º Prior do Mosteiro de Souto um bravo! soltado do sobre esta tribuna, pelo fervor com que sabe espalhar a devoção ao SS. Coração de Jesus, e aos povos que o teem por pastor mil parabens, porque quem tem um parochio como o Padre Luiz Dias da Silva, que promove uma procissão em que é levada triumphante a Imagem de Jesus por entre as campinas que abençoa o mesmo Jesus, ha de necessariamente ser feliz, porque a verdadeira felicidade são as benções do Senhor.

Na Cruz foram tambem imponentes as festas ao SS. Coração. Numerosa communhão, festa de igreja e procissão apparatusa. Fallaremos d'el-

la se alguém nos der informações exactas.

Mais uma vez ainda tivemos de assistir á festa imponente que a Virgem da Oliveira se costuma fazer na Insigne e Real Collegiada d'esta cidade, sacrilega e estupidamente condemnada á morte pela avareza e atheismo revolucionario dos governos d'este paiz malfadado.

De tarde ouvimos o sermão do padre José Antonio Fernandes Guimarães, nosso amigo e parochó, e folgamos de escutar o quo filhos d'esta terra teem vergonha de dizer, em prol da Real Collegiada. O jovem orador demonstrou quo a fé com as suas explosões lacilantissimas, a Virgem com a sua protecção grandiosa, o amor da patria a fulgir entre a fé e a Virgem, encarnaram no povo luso a bravura de todos os bravos, a valentia de todos os valentes, a heroicidade de todos os heroes, as glorias de todas as nações, os triumphos de todo o mundo!

Descreveu-nos o amor da patria e o fundamento d'esse amor, sem o qual o homem não seria livre, mas escravo, e sem elle não poderiam os portuguezes alcançar as victorias sem fim onde colheram os louros que lhe entamam as fronteas. E depois, fallando das victorias dos portuguezes, havia lembrar-nos o que os nossos reis fizeram pela Virgem da Oliveira, e n'este ponto, um orador portuguez havia forçosamente fallar do vandalico attentado contra a Collegiada de Guimarães. Damos-lhe por isso mil parabens, e porque tambem fez o seu dever de padre catholico e cidadão portuguez, aqui vae um pouco do que podemos apanhar do epilogo do formoso discurso:

«Se tantas glorias infloram o Berço da Monarchia é porque os filhos d'esta terra fidalga as ganharam cavalleirosamente, alentados pela imponentissima protecção d'aquella virgem sem par, d'aquella mulher fortissima, d'aquella mãe estremecida! Como portuguezes e vimaranenses tornai-vos dignos dos preciosos documentos da vossa vetusta grandeza! Rendeis um preito ás cinzas dos nossos monarchas, e um culto ás ossadas de vossos avós. Aquella coroa brilhante é da Virgem da Oliveira, e a Virgem da Oliveira é de Guimarães! Aquelle arnez de ouro fino é da Virgem da Oliveira, e a Virgem da Oliveira é de Guimarães! Aquella cruz do mestre d'Aviz, rendilhada de brilhantes, é da Virgem da Oliveira, e a Virgem da Oliveira é de Guimarães!

Os haveres, as honras, as dignidades d'esta Insigne e real Collegiada, são da Virgem da Oliveira, e a Virgem da Oliveira é de Guimarães!!! Em nome do vosso Nome, da vossa fé, da

vossa coragem, de vossa honra, do vosso brio, do vosso patriotismo, de vossos paes, de vossos filhos não queiraes ver Guimarães a vetusta Columбина, despojada d'um monumento eloquentissimo—d'esse livro de pedra que em cada filagrana burilada se assenta um progocero das glorias do pendão das Quinas que tremulou ovante desde Ceuta ao Tormentorio, d'Ormuz a Malaca, de Melim a Cananor. Vimaranenses!!! é sacratissima a v'ima vontade d'um testador; pugnae pelas lours dos purpurados extinctos, que pezam bem a honra d'um portuguez. Se o não fizerdes assim, tanto peor para vós, porque a historia... a historia é inexoravel. O veredictum tremendo de suas decisões immaculadas, tanto cobre de candidas flores, como atira punhados de lodo, tanto grava legendas benditissimas, como imprime ferretes e estigmas, tanto inculpe um brado ingente na face atabastrina das lapides, como uma maldição vergonhosa no jaspe dos tumulos!

A historia não é o brado ingente da actualidade, mais ou menos sincero; é o juiz integerrimo que lavra acordões no meio dos clarões do futuro; não é o dia de hoje embalado nas delicias do sentimento, é o dia de amanhã a tremer de remorsos na presença da razão, implacavel como a justiça. Quem não pugna por um direito de propriedade, ou está deshonrado ou é um cobarde; quem tiver ouvidos ouça...

Filhos da Mumadona!!! eia!!! Avante!!! So conserva-les este monumento mostraes o vesso amor á fé, o vosso amor á Virgem, o vosso amor á patria, amor que hade rutilar sempre como candelabro immento entre a cruz e a estrella do mar!

E, com as festas lá se foi o espaço todo! Deixal-o; mas ainda assim aproveitaremos este bocadinho para dar uma noticia que é bem interessante.

Com data de 10 de agosto noticia-ram de Turim ter-se suicidado, dando um tiro de revolver na cabeça, o general Pinelli, que commandava os italianos no assalto á cidade de Roma em 1870. E' mais um dos inimigos da Igreja castigado desastradamente n'este mundo!

Os jornaes da geringonça noticiando o facto, dizem *ignorar as causas d'este suicidio*. Pois senhores periodicueiros, nós não as ignoramos, e podemos affirmar lhes, que o general se suicidára, certamente, porque os remorsos de haver concorrido para o mais nefando attentado de que resa a historia, o não deixaram viver, lhe tiravam o somno, e, atheu, de certo, só na morte achou remedio. O peor é agora, depois da morte!

—Porque ha quem se não quer confessar? Muitas vezes o medo, o receio de se confessarem é para não descobrirem crimes, que foram impotados a outros, e que outros pagaram na forca. D'estes factos dá-nos o «Janeiro» noticia no seguinte suelto:

«Um habitante de Jersey acaba de confessar-se, poucos momentos antes de morrer, auctor d'um crime commetido ha doze annos e pelo qual um outro foi condemnado e executado.

Trata-se de Nancy Laurens, a mulher d'um caseiro assassinada no mez de dezembro de 1874.

De regresso a Saint-Heliers, o caseiro encontrára a mulher morta n'um canapé, os pés n'um balde vasio, a cabeça coberta com um châte. Ao abrir a porta, ouviu a detonação d'um tiro, disparado por uma pessoa que não tivera tempo de reconhecer, mas como o irmão estivesse só em casa, foi d'este ultimo que se suspeitou.

O irmão foi, portanto, preso, accusado do assassinio da mulher do caseiro, condemnado á morte e executado, a despeito dos seus protestos de innocencia.

Ora aqui está de que serve a confissão dos catholicos, e o bem que andava o padre que em Lisboa queria confessar o enfermo do hospital de S. José! Não pode ser um assassinio, um ladrão, que ainda salvasse a alma restituindo a honra ou a fazenda a alguém?

O Janeiro que responda.

Havemos desmascarar os padres, essa troupe de *occiosos*, que não fazem se não .. bem. Findemos com a seguinte noticia que mostra a alta *ignorancia* do clero que encontramos n'um collega:

«O rev. Parochó Candéo de Mestrino (Padua) compoz uma machina, uma bomba irrolatrix para uso na agricultura vinicola; obteve os premios de medalha de prata e de 150 francos na exposição em Conegliano, e o da unica medalha de ouro na exposição feita em Pisa; tem tido já muitas encomendas da sua machina ou bomba o rev. Parochó para a Toscana, Emilia e Liguria, e por certo crescerá o pedido; o preço é muito commodo pois que é de 12 a 18 francos o maximo e tudo comprehendido.

Aos nossos agricultores deve interessar especialmente esta noticia.

Ora é para notar que o referido Parochó não se fez industrial para deixar de ser Pastor assiduo das suas espirituas ovelhas, mas entendeu que tambem podia e devia cultivar o talento com que Deus o dotou para a mechanica.

E' mais uma prova de que o clero verdadeiro, quer dizer catholico, tendo primeiro em mira o espiritual não se poupa ao bem temporal dos homens em conformidade com a gloria de Deus e bem das almas.»